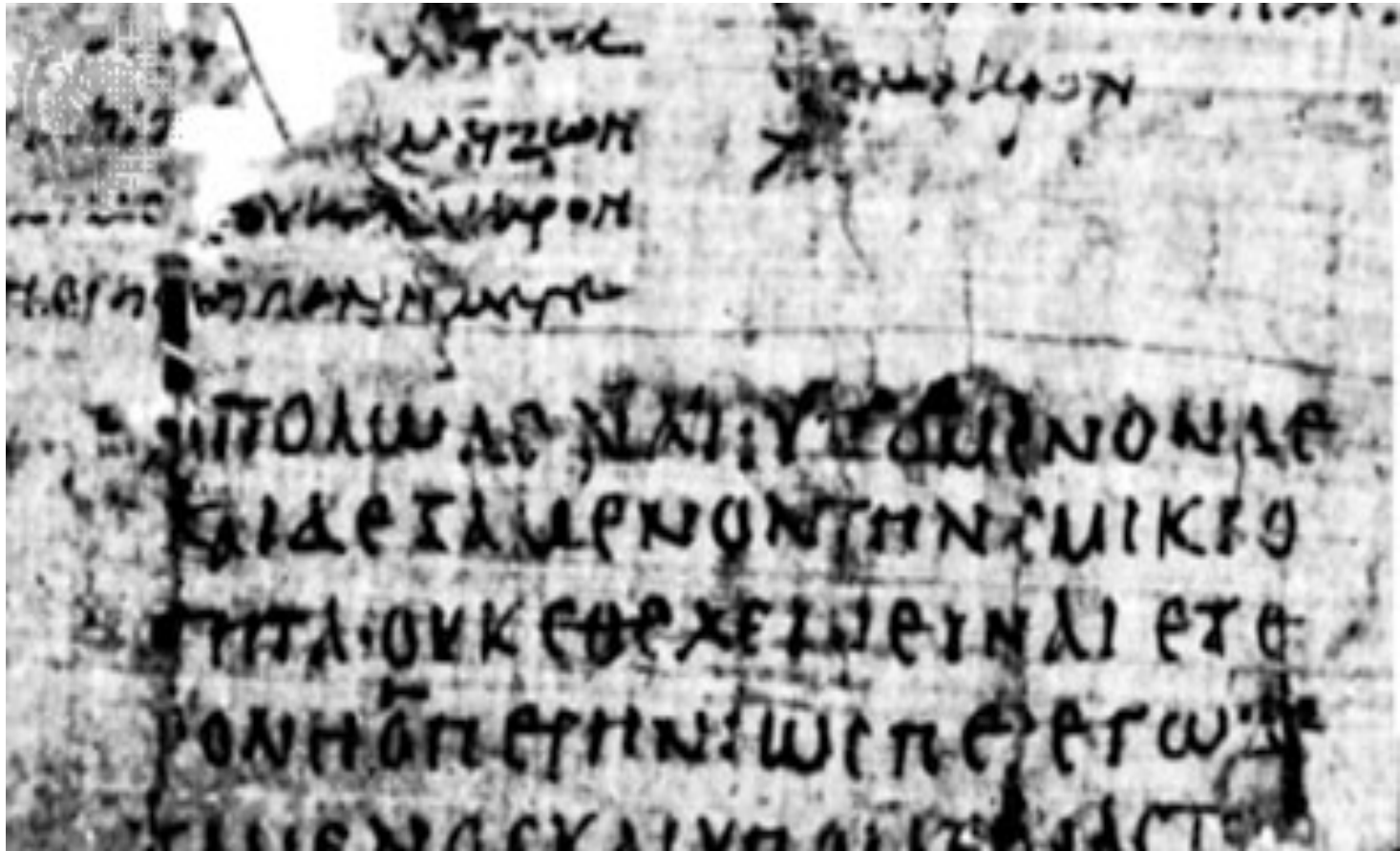


O *FÉDON* DE PLATÃO



Ordenações Tradicionais do *Corpus*

TETRALOGIAS DE TRASILO

1ª TETRALOGIA	<i>Êutifron, Apologia, Críton, Fédon</i>
2ª TETRALOGIA	<i>Crátilo, Teeteto, Sofista, Político</i>
3ª TETRALOGIA	<i>Parménides, Filebo, Banquete, Fedro</i>
4ª TETRALOGIA	<i>Alcibíades I-II, Hiparco, Rivais (apócrifos ou suspeitos)</i>
5ª TETRALOGIA	<i>Teages (apócrifo), Cármides, Laques. Lísis</i>
6ª TETRALOGIA	<i>Eutidemo, Protágoras, Górgias, Ménon</i>
7ª TETRALOGIA	<i>Hípias Menor e Maior, Íon, Menéxeno</i>
8ª TETRALOGIA	<i>Clitofon (apócrifo), República, Timeu, Crítias</i>
9ª TETRALOGIA	<i>Minos (apócrifo), Leis, Epínomis, Cartas</i>

Recepção Contemporânea da Obra Platônica

1. A Interpretação Genética

L. Campbell, *The Sophistes and Politicus of Plato* (1867)

W. Lutoslawski, *The origin and growth of Plato's Logic* (1897)

H. Raeder, *Platons philosophische Entwicklung* (1905)

2. A Interpretação Unitarista

P. Shorey, *The Unity of Plato's Thought* (1903)

Consenso Actual

1º GRUPO (OU “PERÍODO”)	2º GRUPO (OU “PERÍODO”)	3º GRUPO (OU “PERÍODO”)
<i>Apologia</i>	<i>Ménon</i>	<i>Parménides</i>
<i>Críton</i>	<i>Crátilo</i>	<i>Teeteto</i>
<i>Laques</i>	<i>Eutidemo</i>	<i>Sofista</i>
<i>Cármides</i>	<i>Menexeno</i>	<i>Político</i>
<i>Lísis</i>	<i>Fédon</i>	<i>Timeu</i>
<i>Íon</i>	<i>Banquete</i>	<i>Crítias</i>
<i>Primeiro Alcibiades</i>	<i>República</i>	<i>Filebo</i>
<i>Hípias Maior</i>	<i>Fedro</i>	<i>Leis</i>
<i>Hípias Menor</i>		
<i>Êutifron</i>		
<i>Protágoras</i>		
<i>Trasímaco</i>		
<i>Górgias</i>		

Situação do *Fédon* na Obra Platónica

PARENTESCOS TEMÁTICOS

SÓCRATES	<i>Êutifron, Apologia, Críton, Fédon</i>
TEORIA DAS IDEIAS	<i>Fédon, Banquete, República, Fedro, Timeu</i>
IMORTALIDADE DA ALMA	<i>Fédon, Fedro (245c-246a), República (X, 608c-611a)</i>

Datação Histórica

1º) *Ménon* → *FÉDON* → *República*, *Fedro*

2º) referências pitagorizantes → 1ª viagem à Sicília (387 a.C.)

3º) panfleto de Polícrates contra Sócrates e Alcibiades (c. 385 a.C.)

4º) afinidade temática e filosófica com o *Banquete* (385 - 384 a.C.)



Fédon = c. 387 - 385 a.C.

Datação Dramática

DIÁLOGO	de Sócrates com os discípulos, no dia da sua morte (399 a.C.)
NARRAÇÃO	Fédon a Equécrates, em Fliunte, ‘muito tempo depois’ (57b)

Personagens

1. PRESENTES

1.1. CIRCUNSTANCIAIS

Xantipa, os filhos de Sócrates, as ‘mulheres da família’, os criados, o carcereiro, o Servidor dos Onze, o verdugo.

1.2. ASSISTENTES

1.2.1. MUDOS

Apolodoro (narrador do *Banquete*); Critobulo (filho de Críton); Hermógenes (interlocutor do *Crátilo*); Epígenes (mencionado na *Apologia*); Ésquines; Antístenes; Ctesipo (interlocutor do *Lísis e Eutidemo*); Menéxeno (interlocutor do *Lísis e Menéxeno*); e ‘mais uns quantos atenienses’ (59b).

Fedondes de Tebas; Euclides de Mégara (narrador do *Teeteto*); Térpsion de Mégara (ouvinte do *Teeteto*).

1.2.2. INTERVENIENTES

Críton (nunca em matéria filosófica) e Fédon de Élis (uma vez, apenas para concordar com Sócrates: 89c-91d).

1.2.3. INTERLOCUTORES

Símias, Cebes e Sócrates (e um misterioso personagem, cujo nome, no momento, Fédon já não ‘lembra ao certo’: 103a).

2. AUSENTES

2.1. MENCIONADOS

Platão; Cleômbroto; Aristipo de Cirene.

2.2. NÃO-MENCIONADOS

Xenofonte.

Estrutura do Diálogo

1. Introdução ao diálogo

1. 1. A introdução memorial (57a-58d)
1. 2. A introdução dramática (58e-60b)
1. 3. A introdução filosófica (60b-64c)
1. 4. A introdução temática (64c-69e)

2. A discussão da imortalidade da alma: primeiro momento

2. 1. Apresentação do problema da imortalidade da alma (69e-70c)
2. 2. O primeiro argumento da imortalidade da alma: a alternância dos opostos (70c-72e)
2. 3. O segundo argumento da imortalidade da alma: a reminiscência (72e-77a)
2. 4. O problema da sobrevivência da alma e a fusão dos dois argumentos (77a-78b)
2. 5. O terceiro argumento da imortalidade da alma: a simplicidade da alma (78b-80e)
2. 6. Digressão escatológica: a diversidade de destinos da alma (80e-84b)

3. A discussão da imortalidade da alma: segundo momento

3. 1. A contra-argumentação de Símiias e Cebes (84c-88b)
3. 2. Os riscos da “misologia” e as condições de ultrapassagem da aporia (88b-91b)
3. 3. Resposta à teoria da alma-harmonia de Símiias (91b-95a)
3. 4. Resposta à objecção de Cebes: a recolocação da questão (95a-96a)
3. 5. O problema da causalidade: digressão biográfica, histórica, metodológica e doutrinária (96a-102a)
3. 6. O último argumento da imortalidade da alma: a incompatibilidade dos opostos “em si” e “em nós” (102a-107a)
3. 7. Consequências escatológicas e morais (107ad)

4. A discussão da imortalidade da alma: terceiro momento

4. 1. O mito geográfico (107d-114c)
4. 2. Sentido, utilidade e limites do mito (114c-115a)
4. 3. Balanço final (115a-116a)

5. O episódio da morte de Sócrates (116a-118a)

O *Fédon* e o Tema da Imortalidade da Alma

A Tradição Homérica

Tendo assim falado, [Aquiles] estendeu os braços [para a imagem do amigo], mas nada agarrou.

Como o fumo, a alma partira para debaixo da terra,

soltando um pequeno grito. Ergueu-se Aquiles de um salto,

bateu com as mãos uma na outra, e proferiu estas lamentações:

Ah! É então verdade que existe na mansão do Hades

uma alma e uma imagem, que não tem, contudo, espírito algum!

Toda a noite a alma do miserando Pátroclo esteve comigo,

a gemer e a lamentar-se e a fazer-me recomendações!

Maravilha é a parecença que tinha com o próprio!

O *Fédon* e o Tema da Imortalidade da Alma

A Tradição Orfo-Pitagórica

Há um oráculo da Necessidade, dos deuses decreto vetusto,
venerando, e selado com vastos juramentos:
quando algum destes *daimones*, a quem cabe uma vida mais longa,
poluiu as mãos no crime, de forma pecaminosa,
e seguiu a contenda, jurando em falso,
deve andar errante três miríades de períodos, longe dos bem-aventurados,
nascendo durante esse tempo em toda a casta de formas mortais,
que mudam de um para outro dos penosos caminhos da vida. (...)
(...) Desse número sou eu também agora, exilado, vagabundo dos deuses,
por ter confiado na luta insensata.

O *Fédon* e o Tema da Imortalidade da Alma

A Tradição Orfo-Pitagórica

Os Egípcios foram também os primeiros a ter enunciado a doutrina segundo a qual a alma do homem é imortal e, quando o corpo perece, entra num outro animal que esteja a nascer e, após percorrer todos os seres da terra, do mar e do ar, entra de novo no corpo de um homem que esteja a nascer (...). Há gregos que professaram esta doutrina como se lhes pertencesse; sei os seus nomes, mas não os escrevo.

HERÓDOTO, II, 123

No entanto, o que se segue tornou-se conhecido de todos: primeiro, que ele sustenta que a alma é imortal; em seguida, que ela se transforma noutras espécies de seres vivos; e ainda que os acontecimentos recorrem em certos ciclos, e que nada é jamais inteiramente novo; e finalmente, que todas as coisas vivas deveriam ser consideradas afins. Pitágoras parece ter sido o primeiro a trazer estas crenças para a Grécia.

PORFÍRIO, *Vida de Pitágoras* 19

O *Fédon* perante as Duas Tradições

Após estas palavras de Sócrates, Cebes tomou a palavra:

Na generalidade, Sócrates, a tua argumentação pareceu-me boa; mas, pelo que toca à alma, julgo que os teus pontos de vista estão longe de suscitar a adesão das pessoas. Quem nos garante de facto, que, ao separar-se do corpo, a alma subsiste algures, **e não fica destruída e aniquilada no mesmo dia em que o homem morre?** Quem sabe se, logo que dele se liberta e sai, **não se desvanece como sopro ou fumo**, evolvendo-se para não mais deixar rasto de existência? Claro que, a verificar-se a hipótese de ela subsistir algures, concentrada em si mesma e liberta desses males que há pouco enumeravas, então sim, haveria fortes e boas razões para esperar que o que dizes, Sócrates, fosse verdade! Porém, aí está uma coisa que requer talvez não pequeno esforço: persuadir e provar, nada mais nada menos, que a alma existe para além da morte e mantém, de alguma forma, o uso das suas faculdades e entendimento.

Dizes bem, Cebes - concordou Sócrates. - Que vamos fazer então? Queres que discorramos sobre este assunto e vejamos as possibilidades que há de assim ser ou não? (...) Fixemo-nos, pois, neste ponto: as almas dos que morreram vão ou não para o Hades? **Segundo uma velha doutrina, que já aqui lembrámos, é ali que vão ter as almas que daqui partem, e aqui regressam de novo, renascendo dos mortos ...**

Fédon, 69e-70c

A Noção Platónica de Imortalidade

Que outra coisa pois [é a morte] senão a separação da alma e do corpo? E, nesse caso, ‘estar morto’ significa isto mesmo: que o corpo, uma vez separado da alma, passa a ficar em si e por si mesmo, à parte dela; tal como a alma, uma vez separada do corpo, **passa a ficar em si e por si mesma, à parte dele.**

Fédon, 64c

Se, com efeito, o imortal é imperecível, não pode a alma, quando a morte avança sobre ela, perecer: de acordo com o que ficou dito, **jamais a alma acolherá a morte, jamais será uma coisa morta.**

Fédon, 106b

A Noção Platônica de Imortalidade no Quadro da Cultura Grega

DESTINO DAS ALMAS	PERECIMENTO	(“Alma-harmonia”, etc.)
	SOBREVIVÊNCIA	(Tradição homérica)
	PERENIDADE	(Orfo-pitagorismo)
	NATUREZA DA ALMA	(Platão)

1º Ciclo Argumentativo

ARGUMENTOS	CEBES (70B)	SÓCRATES (63C)
1º ARGUMENTO	a alma existe para além da morte	um destino aguarda os que morrem
2º ARGUMENTO	a alma mantém as suas faculdades e entendimento	infinitamente mais compensador para os bons do que para os maus
3º ARGUMENTO		

Argumentação Global

	CEBES (70B)	SÓCRATES (63C)	CEBES (88B)
1º	a alma existe para além da morte	um destino aguarda os que morrem	a alma é, a todos os títulos, imortal e imperecível
2º	a alma mantém as suas faculdades e entendimento		
3º		infinitamente mais compensador para os bons do que para os maus	
4º			